

TURISMO, CULTURA E DESENVOLVIMENTO LOCAL NO DISTRITO DE MARAGOGIPINHO (BA)¹

Chelly Costa Souza²

Resumo: A produção oleira artesanal é uma forma de sobrevivência de muitas comunidades brasileiras e a principal atividade econômica do distrito de Maragogipinho (BA). Além da produção artesanal, o Turismo é outro setor econômico que vem surgindo na região de forma espontânea e incipiente. Neste sentido, esse segmento tem a potencialidade de contribuir para o fortalecimento da identidade local, bem como para a preservação dos elementos culturais, históricos e, para a promoção do desenvolvimento da economia local. Assim, a presente pesquisa se propõe verificar de que forma a atividade turística e a cultura podem contribuir para o desenvolvimento local do Distrito de Maragogipinho (BA). Os passos engendrados para a investigação do objeto de estudo partiram de pesquisa bibliográfica, levantamento de campo através de entrevistas semiestruturadas com os 118 oleiros, o Prefeito do Município de Aratuípe e com a Presidente da Associação de Auxílio Mútuo dos Oleiros de Maragogipinho. Por fim, observou-se dois pontos elementares: primeiro, a cultura local além de significar um vetor de manutenção e preservação da arte, também representa um dos elementos de promoção do turismo local. Segundo, para que o desenvolvimento local seja uma realidade na comunidade de Maragogipinho, é necessária a implantação de políticas públicas efetivas e uma maior articulação entre a Sociedade Civil, Poder Público e Setor Privado.

Palavras-chave: Cultura. Artesanato. Turismo. Maragogipinho. Desenvolvimento Local.

¹ Este artigo é resultado da dissertação de Mestrado em Análise Regional defendida em agosto/2008 com orientação do Prof. Dr. Jorge Antonio Silva e co-orientação da professora Dra. Regina Celeste A. Souza. E-mail: chellysouza@yahoo.com.br

² Mestre em Análise Regional e Bacharel em Turismo pela UNIFACS (Universidade Salvador). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBAIANO), Curso Técnico de Hotelaria e Turismo – Campus Uruçuca/ Bahia e Pesquisadora do GPTURIS (Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente) do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador — PPDRU.

Introdução

O turismo é, sem dúvida, um dos temas mais presentes e discutidos nos círculos acadêmicos, repercutindo em diversas áreas do conhecimento pelo fato de ser reconhecido como uma atividade que impacta o meio onde se desenvolve. No entanto, apesar dessa atividade ser caracterizada como um importante vetor de dinamização econômica, ela não se restringe a isso, pois se caracteriza também pela prática cultural e social que promove a interação entre a comunidade autóctone e os visitantes.

Ao se deslocar, o turista, na maioria das vezes, busca vivenciar as experiências locais e compartilhar os elementos e seus significados presentes nos espaços visitados - além de tentarem entender o processo da representatividade cultural local. Nesse contexto, o turismo não pode e não deve ser avaliado de forma isolada do cenário social e cultural, pois ele, seja como atrativo ou como experiências vividas, sempre mantêm uma relação com a cultura – considerando esta como base da vivência humana e também um instrumento capaz de fomentar o desenvolvimento de uma região.

Nesse sentido, é que o presente trabalho volta sua análise para o distrito de Maragogipinho na Bahia como objeto de estudo. Tal localidade está situada no Recôncavo baiano e tem na atividade oleira artesanal mais que sua principal fonte de renda: o artesanato significa também uma manifestação artística (tradicional) que está arraigada na cultura da comunidade e que ajuda não só a preservar a arte em si como a promover o turismo na localidade fazendo com que os valores locais e a história se integrem e se tornem instrumentos valiosos na promoção do turismo também e no fomento do o desenvolvimento local

Este artigo se propõe verificar de que forma a atividade turística e a cultura podem contribuir para o desenvolvimento local do Distrito de Maragogipinho (BA). A fim de facilitar a abordagem proposta, este trabalho, além da introdução e das considerações finais, está dividido em três tópicos a seguir: “Discussão sobre a Cultura e a Produção Oleira Artesanal e sua contribuição para o Desenvolvimento Local” onde se apresenta uma reflexão sobre a cultura dando um enfoque especial a produção oleira artesanal e sua contribuição para o desenvolvimento local; “O Distrito de Maragogipinho (BA) e as Possibilidades do Desenvolvimento com base no Turismo”

onde se descreve a localidade e se relata os aspectos potenciais da comunidade que são fatores contribuintes para o desenvolvimento do turismo local. O último tópico é intitulado “Desenvolvimento Local em Maragogipinho (BA): Por onde começar?” o qual traz os conceitos e as principais características do desenvolvimento local bem como sugestões de como alcançá-lo.

1. Discussão sobre a Cultura e a Produção Oleira Artesanal e sua contribuição para o Desenvolvimento Local

Na atualidade, a atividade turística é considerada como uma alternativa de mudanças econômicas e principalmente sociais. Segundo Borges et al. (2009), o turismo além de ser capaz de reduzir distâncias, também, é capaz de favorecer o intercâmbio cultural, promovendo com isso, o fortalecimento da identidade local. Assim, ao abordar esse tema, é muito importante que seja realizado uma breve discussão sobre o ‘cultura’, pois, é preciso entender o seu significado para então se pensar no fortalecimento da comunidade e no seu processo de desenvolvimento.

Segundo Laraia (1997, p. 31), a cultura é algo complexo de ser conceituada. O autor procura defini-la como um “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Nesse contexto, é importante ressaltar que a “cultura constitui elemento vital não apenas para alicerçar alternativas econômicas e sociais, mas, especialmente, para a manutenção da memória de um povo” (BARRETTO, 2003, p. 43).

A cultura se manifesta em todos os campos do cotidiano: nas relações políticas, econômicas, ambientais, religiosas, etnolinguísticas e sociocomportamentais. A cultura dos povos é a interconexão destas esferas, passando ainda pelos aspectos históricos e geográficos (SPINOLA, 2006). Em âmbito universal, a cultura significa um gerenciamento coletivo da sobrevivência humana e particularmente representa a identidade de um povo, expressa na língua, nas práticas e no imaginário das comunidades.

Cada povo, nação, sociedade e grupos humanos possuem a sua própria cultura, existindo assim uma grande variação de culturas. Os antropólogos Kroeber e Kluckhohn (SODRÉ, 1988) levantaram mais de cento e cinquenta definições para ‘cultura’. É por essa razão, certamente, que o tema promove muita discussão e gera polêmica entre seus estudiosos.

De acordo com Yúdice (2004, p. 31), a cultura tem a capacidade de promover a coesão social em questões divergentes e, desde que é um setor de trabalho intenso, ela ajuda na redução do desemprego. A cultura, segundo o autor, “pode gerar renda através do turismo, do artesanato, e outros empreendimentos culturais”. Desse modo, ao se falar de cultura e exaltar as suas características, abre-se uma ‘janela’ para se discutir e analisar o artesanato, visto que esse elemento é uma das expressões que faz parte do ambiente humano em sua essência.

Como atividade econômica, o artesanato apresenta um papel muito importante para a sociedade. Mas, além da função de indutor econômico, a produção artesanal também faz parte da manifestação cultural de um povo, pois através da arte, o homem consegue não só revelar seus hábitos, como também, preservar seus valores, costumes e tradições. Além disso, a produção artesanal é elemento de contribuição para o desenvolvimento do turismo e vice-versa. Pois, o turismo também significa viajar para vivenciar, experimentar e participar do estilo de vida de comunidades.

No cenário atual, o termo artesanato pode ser definido como sendo um objeto fruto do trabalho predominantemente manual, feito com a ajuda de ferramentas consideradas simples ou máquinas rudimentares, que se baseia em uma temática popular, utilizando a matéria-prima local ou regional. Ao abordar essa temática, Moreira (2001) afirma que o artesanato significa um olhar ao passado para examinar as tradições, avaliar a cultura e o desenvolvimento social de um povo. Ao longo da história, o artesanato serviu de embrião para o comércio, a indústria, a ciência e para o florescimento das comunidades.

Diante de muitas polêmicas e discussões sobre o conceito de artesanato, a definição adotada por Lima (2005) apresenta-se como a de entendimento mais coerente de acordo com a proposta desse trabalho:

[...] produtos do fazer humano em que o emprego de equipamentos e máquinas, quando e se ocorre, é subsidiário à vontade de seu criador que, para fazê-lo, utiliza basicamente as mãos. Nesse sentido, diríamos que o objeto artesanal é definido por uma dupla condição: primeiro, o fato de que seu processo de produção é em essência manual. São as mãos que executam basicamente todo o trabalho. Segundo: a liberdade do artesão para definir o ritmo da produção, a matéria-prima e a tecnologia que irá empregar, a forma que pretende dar ao objeto, produto de sua criação, de seu saber, de sua cultura. (LIMA, 2005, p. 13-14).

Torna-se ainda interessante colocar a posição de outro teórico relevante na área. Segundo Pereira [195?] classifica o artesanato como sistema de produção, inserindo-o no campo da “Arte Popular” e da “Pequena Indústria”, em que analisa as características e manifestações de uma e de outra. Ele ainda argumenta que o artesanato representa um sistema de produção à parte da indústria. Entretanto, como o artesanato e a indústria tendem a se confundir, ou se fazem confundir, termos como “artesanato industrial” ou “indústria artesanal” foram surgindo ao longo do tempo. Apesar do uso de tais expressões, o autor esclarece que o artesanato não representa apenas estratégias de sobrevivência de grupos sociais frente ao mundo globalizado, mas significa a cultura material, a forma de conservação e preservação da arte popular de comunidades tradicionais.

No âmbito das relações de mercado, é importante ressaltar que o objeto artesanal não deve ser entendido apenas como produto e sim como um produto peculiar já que a dimensão cultural está intrinsecamente ligada ao objeto agregando um valor diferencial ao produto.

De acordo com Ribeiro (1983), alguns aspectos devem ser enfatizados quando se versa sobre a produção artesanal: a) ela possibilita ao artesão exercer um ofício que está habituado e que ao mesmo tempo faz parte de seu patrimônio cultural; b) inibe a saída do homem de sua comunidade local para alugar sua força de trabalho em outra região; c) promove a confraternização dos homens e das mulheres nas horas de trabalho coletivo, além de garantir uma renda que muitas vezes é superior à que ganhariam como empregados de ínfima categoria nos empreendimentos regionais; d) ajuda a garantir a sobrevivência da cultura local.

Em Maragogipinho (BA), espaço objeto desse estudo, a produção do artesanato acontece com maior predominância no verão que é a época de maior fluxo de visitantes e turistas ao local. O período do inverno é considerado ruim para os produtores de artesanato, principalmente, por causa das chuvas – que impede a secagem das peças.

A característica principal da arte ceramista é a relação que abrange essa produção. Em geral, a produção envolve membros da família ou pequenos grupos, o que facilita a transferência de conhecimento sobre técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositária de um passado, de acompanhar histórias transmitidas de geração a geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e costumes de um determinado grupo social (SEBRAE, 2006).

A maior parte das pessoas locais aprendeu e aprende o ofício da produção artesanal ainda na infância. Além de brincar nas olarias, muitas crianças observam os mais velhos fazerem as peças no torno ³ e assim vão aprendendo. No início, as peças confeccionadas por esses aprendizes eram os caxixis ⁴ e após dominar essa técnica, eles passavam a dar forma às peças maiores.

Em Maragogipinho, as peças feitas no torno são, exclusivamente, responsabilidade dos homens. Já para as mulheres cabem a fase de brunição ⁵ e a pintura das peças. Quanto às crianças, o transporte das peças para as casas das Brunideiras.

Considerar o artesanato no campo da economia significa avaliar o que daí decorre: a possibilidade de geração de trabalho e renda; a cadeia produtiva e de distribuição e comercialização; as relações de troca, os hábitos e costumes que propicia. Neste sentido, a produção artesanal surge como um fator de sobrevivência e como uma oportunidade para estimular o surgimento de elementos não convencionais de participação produtiva.

Atualmente, a carência econômica de algumas localidades levou-as a acreditar no artesanato como possibilidade de incrementar suas rendas, aumentando assim o

³ Peças de madeira que se movimenta com a ajuda dos pés e que dá forma a peça de barro

⁴ Os caxixis, conforme esclarece Bittencourt¹ (1951) citado por Leal (2006, p. 77), são “miniaturas de louça grande, caprichosamente trabalhadas e originariamente destinadas a uma finalidade lúdica, tudo pequeno, destinado ao enlevo e à alegria dos meninos”.

⁵ Polir ou lixar as peças com um seixo liso que em sua maioria é feito com o auxílio de uma pedra, em contínuo movimento de vai-e-vem, deixando-as bem lisas e brilhantes.

número de aderentes a essa prática. Como seus antigos meios de produção e sustento como agricultura e pesca foram sendo esquecidos ou subjugados a outras atividades, muitas comunidades sobrevivem confeccionando peças, por vezes sem um devido valor estético, mas encaradas como suficientes a ponto de completar suas necessidades materiais e existenciais básicas.

Esta visão, entretanto, difere da realidade de localidades como Maragogipinho, que mesmo desenvolvendo atividades inerentes a terra e à pesca recorrem também à produção artesanal por terem essa produção arraigada na sua concepção cultural. Dentre os grupos de artesãos que se empenham em demonstrar a existência da sua arte, a espiritualidade passada por ela além da busca por suprir suas necessidades básicas, encontram-se muitos artistas de caráter popular que dão novos formatos as peças tradicionais que passam a ser compreendidas como obras de arte no seu sentido cênico.

Todavia, embora a atividade artesanal signifique também um caminho para a inclusão social e para a oportunidade de emprego de forma rápida, implicando em poucos custos, é necessário investir na sua melhoria quanto às condições de trabalho bem como na busca de promover uma melhoria nas conexões entre o artesão e às informações de mercado as quais rodeiam o seu universo produtivo.

A associação da cultura à produção artesanal de Maragogipinho referencia-se na idéia de arte, sobretudo a arte de natureza popular, forjada por grupos sociais economicamente menos favorecidos. Importa, pois, às instituições educacionais, culturais e humanitárias a defesa da continuidade das atividades artesanais para a garantia da autonomia, criatividade, sobrevivência e promoção das habilidades individuais como fator de liberdade individual e de mudança social.

2. O Distrito de Maragogipinho (BA) e as possibilidades do desenvolvimento com base no Turismo

Entrecortados por manguezais, o distrito de Maragogipinho, pertence ao município de Aratuípe e está localizado às margens do rio Jaguaripe no Recôncavo Sul da Bahia, a 225 km da capital baiana.

A estrutura econômica da localidade é baseada em atividades ligadas à agricultura, à pesca e principalmente à produção de artesanato. O distrito de Maragogipinho constitui-se em um reduto de oleiros com características singulares que tem na produção da cerâmica como artesanato seu principal meio de sobrevivência. No contexto atual, o distrito é responsável pela exportação de peças para diversas regiões do Brasil e do exterior, além de ser considerado o maior centro de produção artesanal da Bahia. Também, para a comunidade e a liderança local é o maior centro de produção artesanal da América Latina. Além dessas atividades econômicas supracitadas, o turismo, em Maragogipinho, é outro importante setor econômico que desponta ainda de forma tímida no lugar.

De acordo com Pereira (1955), a atividade oleira em Maragogipinho existe há muito tempo, contudo, não se pode afirmar com precisão quando a mesma teve início. Entretanto, o autor relata que há referências feitas por cronistas do século XVIII referentes à produção de cerâmica no distrito. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE no ano 2000, em Maragogipinho (BA) vivem cerca de 2.500 pessoas que tiram seu sustento através da produção artesanal em barro. Não é exagero afirmar, mas, essa comunidade respira arte. E, apesar da vida simples e da pobreza material evidente a população demonstra um espírito rico de sabedoria e de consciência sobre a importância simbólica do que faz e preserva.

O centro de Maragogipinho é composto por um grande espaço cercado de olarias, uma ao lado da outra. Ao todo são 118, incluindo as pequenas olarias de fundo de quintal. As olarias significam a principal identidade da vila e são construções rudimentares, sua estrutura (na maioria dos casos) é feita em madeira, deixando as vigas à mostra cobertas de palhas.

Ao focar a atenção na produção de artesanato, o que se evidencia na localidade é que embora a produção das peças represente uma manifestação secular, diante de tantas mudanças tecnológicas ocorridas no mundo, a confecção de cerâmica apresenta um caráter peculiar, pois, o seu modo de produção ainda obedece à mesma técnica de seus antepassados, com instalações, equipamentos e ferramentas em condições iguais há

mais de duzentos anos, como o torno do oleiro montado sobre pedras e movido com os pés e a queima das peças em rudimentares fornos à lenha.

A cerâmica de Maragogipinho constitui-se em uma valiosa atividade para seus habitantes, tanto porque é atualmente é considerada fonte de arte popular na Bahia, quanto por ser um meio de vida passado de geração em geração que manteve sua originalidade.

A produção artesanal de cerâmica de Maragogipinho também é fator de promoção para o turismo local que vem sendo desenvolvido de forma espontânea e incipiente. A atividade turística é um dos propulsores econômicos mundiais. Seus benefícios estão interligados à geração de emprego e renda, à capacidade de reduzir distâncias, ao intercâmbio cultural e ao favorecimento da valorização e da reprodução da identidade local.

Ao abordar esse tema (turismo), considera-se que a potencialidade turística de um lugar compreende diversos elementos que o caracterizam, a saber: o histórico, o geográfico, o cultural, o natural, dentre outros. Nesse contexto, a produção artesanal do lugar é vista como o principal atrativo para os turistas e visitantes que chegam a Maragogipinho. Salienta-se que todos os elementos que envolvem a história, a cultura e o modo de vida daqueles que vivem no distrito de Maragogipinho significam um conjunto de atrativos que podem enriquecer a experiência do turista que visita a região.

O potencial turístico da região, também, deve-se, às suas belezas naturais, sendo viável a prática do turismo náutico, turismo cultural, turismo histórico e o turismo de eventos, através das festas populares, em que se destaca a Feira dos Caxixis, realizada anualmente na vizinha cidade de Nazaré, durante a Semana Santa. Este evento concentra toda a produção artesanal que vem de Maragogipinho para ser comercializada.

Além dos elementos culturais que estão presentes no distrito de Maragogipinho, a localidade apresenta uma posição geográfica privilegiada, por estar localizada no Recôncavo Sul do Estado, próximo à capital baiana bem como a outras localidades com potenciais turísticos. A região na qual o distrito está inserido já tem o turismo como uma atividade organizada e explorada. Assim, ao analisar o contexto turístico específico

desse lugar, acredita-se que ele também tem fatores que podem ajudar a contribuir ainda mais para o desenvolvimento regional dessa atividade.

Entende-se que o Distrito de Maragogipinho (BA), por si só revela-se como um forte lugar de apelo turístico que pode ser melhor aproveitado ou explorado mediante aos atrativos existentes e potenciais presentes em seu território. A identidade cultural, natural e o modo de vida daqueles que vivem em Maragogipinho são atrativos que contribuem para enriquecer ainda mais a experiência turística no lugar além de servir como forma de manutenção da riqueza cultural e natural existente na região.

3. Desenvolvimento Local em Maragogipinho (BA): Por onde começar?

Ainda não existe uma definição globalmente aceita, clara e satisfatória do que se entende por desenvolvimento. Durante muito tempo, uma corrente de pensadores defendia a idéia de que o termo desenvolvimento era considerado sinônimo de crescimento econômico. Entretanto, esse modelo é considerado ultrapassado e defendido por outra corrente que julga que o crescimento econômico é visto como uma simples variação quantitativa do produto, diferente do desenvolvimento que implica em mudanças de estruturas econômicas, sociais, políticas e institucionais, com melhoria da produtividade e da renda média dos agentes envolvidos no processo produtivo.

Nesse viés, o desenvolvimento local é considerado uma nova estratégia de indução ao desenvolvimento, na qual os fatores econômicos não devem ser desconsiderados, mas, priorizados a liberdade do indivíduo ao acesso à saúde, educação, além dos direitos civis que garantam sua participação nas questões políticas (RODRIGUES, 1999). Trata-se de um modelo social inovador de investimento em capital humano e social. O desenvolvimento local envolve os elementos sociais, culturais e políticos.

O estudo do desenvolvimento local, abordado por Buarque (1999, p. 9), ressalta que o mesmo é considerado um “processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a

melhoria da qualidade de vida da população”. Este processo gera uma importante mudança nas bases econômicas e na organização social em nível local. Todavia, para ser considerado de fato um processo causador de mudanças, sendo sólido e sustentável, o desenvolvimento deve elevar as oportunidades sociais, a viabilidade e a competitividade da economia local.

Ao considerar o desenvolvimento local como um modelo que pode gerar importantes mudanças para uma sociedade é necessário ressaltar que tal teoria deve estar aliada às características de cada lugar, além de respeitar as particularidades de cada localidade e/ou região. Assim, no arcabouço teórico que contém o conceito de desenvolvimento local, considera-se a dimensão do território, do local como ferramenta fundamental para a materialização desse conceito.

Neste artigo, a abordagem sobre o referido modelo, contempla o “local” como parte de um pequeno território, compreendido como o espaço socialmente construído, onde se formam comunidades e se constroem identidades (COELHO e FONTES, 1998 apud SPINOLA, 2006). Portanto, a expressão “desenvolvimento local” refere-se a processos de melhoria das condições de vida das pessoas e das famílias que são específicos de “pequenos” territórios.

A característica principal do modelo de desenvolvimento local está relacionada à idéia do “desenvolvimento a partir de baixo”. Na análise de Melo (2002) embora uma localidade ou território possa se sustentar, crescer e desenvolver-se com base nos impulsos “vindo de cima” ou de “fora” que ocorrem quando o processo de crescimento é liderado apenas por agentes públicos ou privados, será a partir de “baixo” ou “de dentro” que a questão das políticas de desenvolvimento local costuma ser posta. Em uma visão mais aprofundada sobre a questão, Carestiato (2000 apud IRVING, 2002) entende que o desenvolvimento local é um modelo que privilegia o “olhar do lugar”.

Na verdade, o que vai caracterizar de fato o desenvolvimento local será o momento em que uma comunidade local seja capaz de liderar e mudar a forma estrutural do processo de desenvolvimento. A comunidade deve estar consciente de liderar seu próprio processo, evitando, inclusive, a dependência exterior,

potencializando assim, a iniciativa local (RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, 1988; VÁZQUEZ BARQUERO, 1988).

Sendo assim, qualquer localidade e/ou região que busca fazer o desenvolvimento acontecer, precisa ter a parceria do poder público para controlar os recursos e empregá-los de forma correta, substituindo assim, os vínculos de dependência. Nesse ponto cabe indagar: por onde a comunidade deve começar? De quem é a responsabilidade pela promoção do desenvolvimento local?

Diante do que foi exposto, admite-se que o processo de desenvolvimento local abrange a participação de todos os níveis sociais: os protagonistas locais (comunidade local); a iniciativa privada e o os órgãos governamentais. A partir dessa articulação entre os membros responsáveis, será possível alcançar o que Franco (2000) chama de “comunidades mais sustentáveis”, capazes de suprir as suas necessidades imediatas, além de despertar para a valorização de suas potencialidades internas. Não se pode transferir tal responsabilidade apenas para o poder público (ideia paternalista ainda defendida por muitos). É necessário que haja a participação de todos os envolvidos para que o desenvolvimento local e os benefícios proporcionados estejam garantidos.

Considerações finais e sugestões:

As discussões teóricas e a análise dos dados e das informações provenientes das pesquisas bibliográficas e de campo possibilitaram estabelecer algumas relações sobre a situação da produção artesanal de cerâmica e de seu desenvolvimento no distrito de Maragogipinho (BA). Também foi possível recolher elementos que pudessem fornecer respostas para a questão que norteou este trabalho: de que forma o turismo e a cultura, através da produção artesanal, podem contribuir para o desenvolvimento local do distrito de Maragogipinho bem como de seu entorno.

Nesse contexto, podem-se apresentar algumas considerações. A primeira delas versa que os elementos como a história, a cultura, o modo de vida da comunidade e os aspectos ambientais são fatores que se revelam como potenciais turísticos que se, planejados e melhores articulados podem contribuir para a promoção do

desenvolvimento local. Dessa maneira, o desenvolvimento passa a ser entendido como fruto oriundo de fatores internos a uma localidade, sendo processo endógeno evolutivo. Isto envolve o amadurecimento de conceitos vinculados à concepção política e social.

Outro ponto importante, que inclusive surge como consensual nos referenciais teóricos utilizados, se referem à valorização dos recursos endógenos (tais como elementos geográficos, culturais, invenções e todos os demais recursos que derivam da *polis*) enquanto estratégia de apropriação e usufruto dos benefícios que em última instância garantiriam a efetividade das ações em direção ao desenvolvimento local.

A vocação de Maragogipinho para a atividade turística é evidente. A atividade já acontece de forma espontânea e rudimentar. A aptidão turística está relacionada aos elementos históricos, culturais, naturais e sociais. Contudo, para que de fato o turismo possa se firmar como um vetor de desenvolvimento é importante que a infraestrutura local seja revista e seja priorizada pelas autoridades públicas, já que, no momento, o distrito, não apresenta condição alguma de receber turistas. Haja vista, que não existem instalações adequadas para atender às necessidades de um público com características peculiares e de considerável exigência.

Para que de fato os fatores como: a tradição, cultura, história e o turismo sejam vetores de promoção de desenvolvimento local são necessárias as seguintes mudanças: Como ponto de partida, considera-se indispensável uma maior intervenção e parceria entre o poder público, empresas privadas e sociedade civil. No sentido de prover condições para que todos possam desempenhar o seu papel. A pesquisa apontou a necessidade de melhorias nos serviços prestados à comunidade. Entre elas destacam-se a infraestrutura (serviços básicos), o sistema de saúde, de lazer, bem como, em relação à qualidade do ensino escolar. Tais fatores dificultam o processo de elevação das oportunidades sociais através da viabilidade e da competitividade da economia local.

O fortalecimento da autoestima dos artesãos e oleiros, a criação de novas lideranças, a parceria com os diversos agentes sociais (e.g.: Governo estadual, cooperativas, empresas, universidades e outras comunidades). O crescimento individual e profissional das pessoas envolvidas direta e indiretamente com o artesanato e à valorização do artesanato são alguns dos aspectos que contribuem para que seja firmado

o compromisso de se manter viva a tradição da produção artesanal da cerâmica de Maragogipinho e, conseqüentemente, ajudar no fortalecimento do turismo.

Nesta perspectiva, estimular o desenvolvimento do turismo e da produção artesanal significa abrir possibilidades de diminuição das desigualdades sociais, pois vale salientar que a “cultura constitui elemento vital não apenas para alicerçar alternativas econômicas e sociais, mas, especialmente, para a manutenção da memória de um povo” (BARRETTO, 2003, p. 43).

A partir do momento que o desenvolvimento e a preservação da arte - enquanto fenômenos culturais - forem estimulados, as pessoas envolvidas terão mais oportunidades de divulgar e resguardar suas tradições, além de se tornarem as principais promotoras deste desenvolvimento, beneficiando não só a localidade da qual fazem parte como da região na qual estão inseridas.

Referências:

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BORGES, Carlos Henrique Leite ; GUZMAN, S. J. M. . **Cultura e Turismo como Vetores do Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável para a Baía de Camamu-Ba**. In: VI Seminário da ANPTUR, 2009, São Paulo. Anais do VI seminário da ANPTUR. São Paulo : Aleph, 2009.

BUARQUE, Sérgio C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**: Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília: INCRA / IICA, 1999.

FRANCO, Augusto de. Por que precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável. **Século XXI**, Brasília: Millennium – Instituto de Política, Janeiro, p. 1 – 61, 2000. Separata do Número 3.

IRVING, Marta de A. Refletindo sobre o turismo como mecanismo de desenvolvimento local. **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**. Salvador IV n. 7. p. 69-74, dez. 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LIMA, Ricardo Gomes. Artesanato: cinco pontos para discussão. In: **OLHARES ITINERANTES**: reflexões sobre artesanato e consumo da tradição. São Paulo: Central Arte Sol, 2005. p. 13-26.

MELO, João Paulo Barbosa de. A problemática e as políticas de desenvolvimento local. In: COSTA, José da Silva. **Compêndio de Economia Regional**. Coimbra – Portugal: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional – APDR, 2002. p. 515 – 533.

MOREIRA, Sérgio. **Bordados em Tauá**: cerâmica de Rio Real. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2001.

PEREIRA, Carlos José da Costa. **O artesanato na Bahia**. Salvador, SENAI, 1955.

_____. **O artesanato na Bahia**: fundamentos para o estudo da atividade artesanal em face dos fatores que o condicionam ou influenciam. Salvador: SENAI, (195?)

RIBEIRO, Berta (Org.). **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983. p. 11 – 28.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Ambiente**: reflexões e propostas. 2. ed. São Paulo: Futura, 1999.

RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Román Rodríguez. La escala local del desarrollo: definición y aspectos teóricos. **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**, Salvador, v. 1, p. 5 - 15, 1998.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Artesanato no Brasil**. 1ª ed. Brasília: SEBRAE, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SPINOLA, Carolina de Andrade. O ecoturismo, o desenvolvimento local e a conservação da natureza em espaços naturais em espaços naturais protegidos: objetivos conflitantes? **Revista de Desenvolvimento Econômico - RDE**. Salvador, v. 13, p. 50 – 59, 2006.

VÁZQUEZ BARQUERO, Antonio. **Desarrollo local**. Una estratégia de creación de empleo. Madrid: Pirâmide, 1988.

VII SEMINÁRIO 2010 ANPTUR

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo

Horizonte: UFMG, 2004.